

08 de março de 1951

O Velho Gide

Os homens de jornal geralmente escrevem necrologias antecipadas. E não há dúvida que esse velho mágico que foi André Gide estava a sugerir, há muito, algumas páginas de elogio fúnebre na máquina dos comentaristas, a espera do desenlace final que não poderia tardar num corpo de mais de oitenta anos de idade.

Muito desses escrevedores sobre temas de circunstâncias, entretanto, não levaram avante a idéia sugerida pela oblíqua final na claridade desse crepúsculo, e só agora, como é o nosso caso, começam a recordar os momentos da vida do espírito que sentiram tocados pela presença de Gide no seu prestígio universal de escritor.

O exame da obra e da pessoa desse francês que possuía no espírito a complexa simplicidade de muitos séculos de cultura, neste instante preocupa os exegetas da literatura, em todas as províncias do mundo. Eis porque escrever sobre Gide nesta altura de sua fixação definitiva no tempo, é mais um pretexto para ocupar um palmo de coluna, e menos uma necessidade de esclarecer, quando esse trabalho acontece tão longe das cidades do espírito, num recanto qualquer do mundo sem acústica que margeia os velhos acampamentos da cultura.

Em todo caso, há sempre o pensamento pessoal, e como a maioria dos depoimentos se perde pela ausência de originalidade tão difícil e raro é o acento novo na visão das velhas coisas, pouco importa que o número dos comentários aumente em torno do morto, sobre o maravilhoso momento que foi a vida de sua inteligência.

Há escritores cuja espessura dificulta nossa imediata familiaridade com as suas páginas. Outros que se entregam logo, a partir do primeiro instante,

e caminhamos encantados pelo mundo agradável de sua criação. A classificação é velha e sem nenhuma novidade, mas tem à tona sempre que desejamos estabelecer um confronto ou situar uma posição. Gide era difícil porque era espesso, e sua profundidade participava exatamente do espaço polidimensional da alma humana. Em suas criações, não procurava agradar inicialmente, e dava assim uma impressão falsa de escrever sem nenhuma preocupação de técnica, tratando de começar lançando o interesse ou a perturbação no espírito do leitor. Sua aparente aridez em alguns trechos de obra escondia, ao contrário, a poderosa armadilha de uma ficção impregnada de realidade que acabavam por perturbar profundamente. Aliás, sempre foi seu desejo: perturbar. Via as coisas por um ângulo diferente, novo mas verídico, às vezes apesar do sofisma, ou aceitável por isso mesmo, por essa capacidade estranha de apanhar o lado da realidade situado mais próximo da vertigem. Sofismando, construía um novo espaço para a vida que, passava a se desenrolar nessa dimensão diferente, quase em nenhuma aparência de distorção.

Para muitos, e creio que esses muitos acabavam, afinal, formando a maioria, o principal na obra de Gide estava nesse profundo poder de poesia que ele extraía da vida, ou jogava sobre esta na escolha de certos momentos, no acento de um gesto na inclinação de uma claridade insólita sobre a desolação do mundo ou o desenrolar de um drama. Aquela massa, aquela volume enorme de material impregnado totalmente de uma força irresistível de poesia, como a esponja embebida, que encontramos em *Nourritures Terrestres* viria depois se dissipar aos poucos espelhado pela estrutura de suas novelas, de suas narrativas como ele gostava de chamar esses pequenos volumes onde se contava sempre uma estranha história da conduta da alma humana sitiada pelo drama possível da vida de cada instante.

Inútil citar essa *Symphonie Pastorale* que todos conhecem. E o curioso é que escrevendo poemas, Gide não alcançava a altura de sua capacidade de descoberta, não conseguia realizar a mesma riqueza em profundidade que colocava seu trabalho de prosador entre as melhores páginas dos escritores do mundo. Como *Nourritures Terrestres* é mais poemas em prosa – coisa horrível sem dúvida que não há outra classificação – creio que aí ele encontrou o seu grande meio de expressão. Justamente o diário, que é um escrever sem conseqüências sob a ilusão do momento, constitui a parte mais

importante de sua obra, e onde, ao longo de uma superfície de páginas estendidas sobre mais de meio século de notas quase diárias, o escritor aparece em quase todo o esplendor de sua espontaneidade. Aí como na irresponsabilidade ilusória dos poemas sem forma clássica, ele se deu inteiramente e sua inibição foi vencida, superada pela ilusão de estar fazendo gratuitamente uma coisa que talvez não tivesse depois nenhuma conseqüência. Sendo um inibido, Gide sem querer ou melhor o seu inconsciente, ao escrever uma novela, tem presentes aqueles punhos duros do escritor que vai aparecer diante do público que julga. No jornal ele mesmo constata esta verdade simples: toda vez eu escrevo preocupado com a norma, o que querará dizer, com () finalidade á vista, constata depois que o trabalho não corresponde a sua expectativa, saiu duro, contrafeito, artificial.

Quando escreve sem preocupações, pois que está fazendo apenas páginas de notas ou fixando momentos para depois trabalhar sua substância poética, verifica que consegue involuntariamente alguma coisa definitiva como forma e substância, o desejo que espontâneo se cristalizou na simplicidade penetrante e duradoura.

Essa obra prima que é *École de Femmés*, bastaria para colocar Gide entre essa meia dúzia de grandes escritores que vieram do século passado e na primeira metade deste iluminaram o caminho para a geração do presente. Raros os livros como este, que podem ser relidos, não sendo poemas. Nesse ponto ele previu, e seu desejo não se enganou quando dizia que se considerava um escritor para ser relido, e para ser lido também pelo futuro. Assim, era () gratuito e sem preocupações imediatas. Como quem escrevesse sem esperanças de publicar coisa nenhuma, numa sinceridade de solidão e com uma força () dramática de confiança. Daí a espessura natural de seus textos, lisos como a simplicidade linear das pedras trabalhadas pela profundidade do tempo, e de penetração imediata difícil para à escalada da primeira leitura. Depois, quando se começava a sentir o que havia no fundo dessas águas de aparência translúcida vinha a fascinação perturbadora. Estávamos descobrindo as flácidas gelatinas do polvo na azulada transparência do abismo, e o interesse despertava numa palpitação acelerada. Tal como em Proust. Tão diferente de Gide, as súbitas clareiras interrompendo o jogo de sombras e volumes da floresta em sua tranquilidade oscilante. Mas sem a floresta proustiana. Inquietante na sua condição de

obra de arte pela violência selvagem com que procurava descarnar a vida, e que
entrevíamos através dessas luvas de civilizado.